



facebook.com/sindieletro



instagram.com/sindieletro



(31) 98489-7112

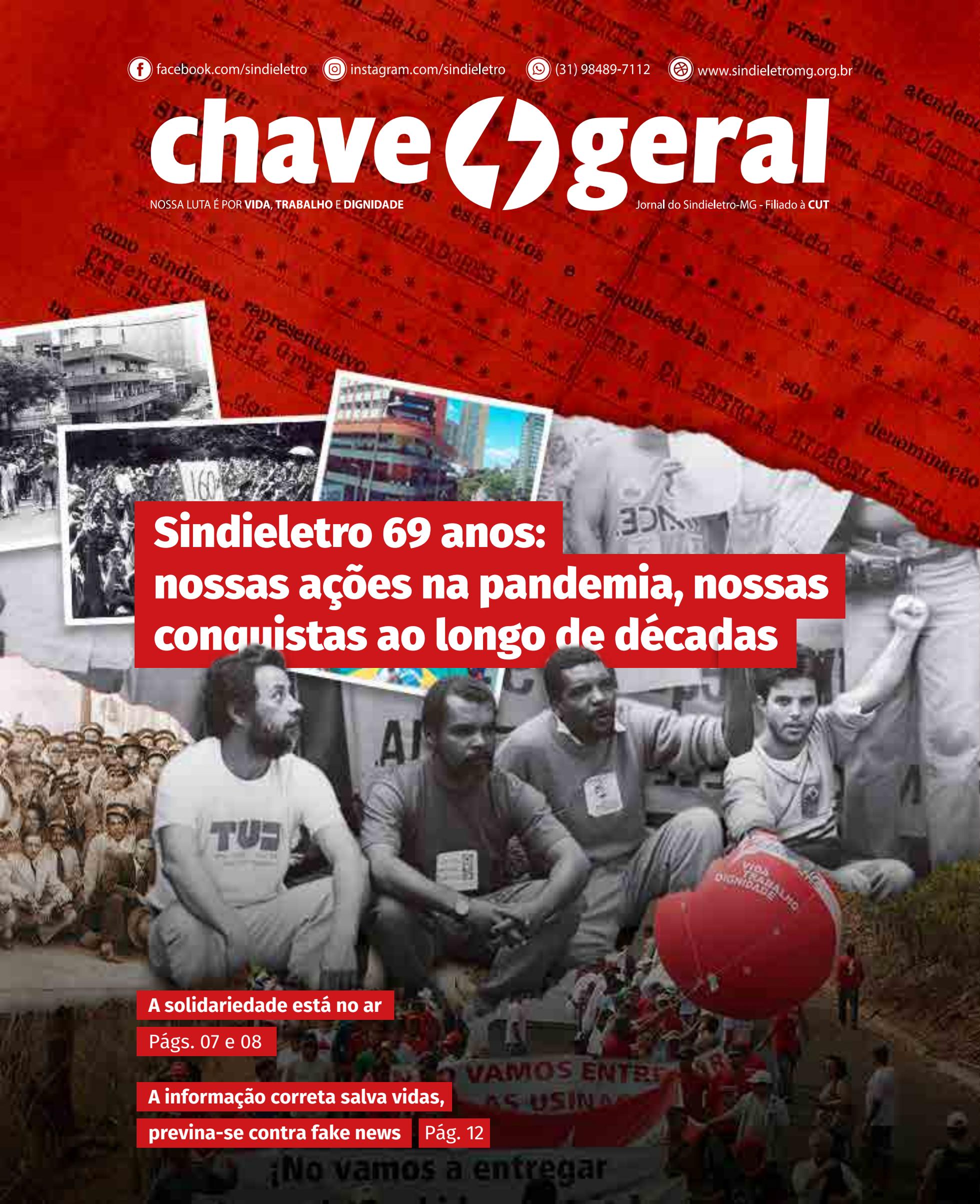


www.sindieletromg.org.br

chave geral

NOSSA LUTA É POR VIDA, TRABALHO E DIGNIDADE

Jornal do Sindieletro-MG - Filiado à CUT



Sindieletro 69 anos: nossas ações na pandemia, nossas conquistas ao longo de décadas

A solidariedade está no ar

Págs. 07 e 08

A informação correta salva vidas,

previna-se contra fake news

Pág. 12

EDITORIAL

No aniversário do Sindieletro, brindemos a reflexão



No dia 25 o Sindieletro completa 69 anos. Um aniversário para comemorar a história de lutas vitoriosas da categoria eletricitária! Porém, é uma data que nos exige brindar a reflexão; são 69 anos completados em plena pandemia de Covid-19, com números de casos e mortes esbarreadores e que vão além das estatísticas: envolvem corações destrocados de famílias inteiras pela morte de entes queridos. Especificamente no Brasil, há um cenário que poderia ser diferente se a autoridade maior do país, o presidente Jair Bolsonaro, não

tratasse os casos da doença, os óbitos e o sofrimento pelas perdas irreparáveis com desprezo, como se o dinheiro viesse em primeiro lugar, não a vida. Envolve, ainda, milhões de trabalhadores, que estão perdendo seus empregos e direitos históricos.

Neste Chave Geral especial de 69 anos, o contexto da Covid-19, infelizmente, faz parte do destaque. Mas é também uma data para pensarmos o nosso destino e as nossas lutas por condições e relações de trabalho dignas, seguras e que protegem a vida.

Tudo mudou desde que a ONU declarou situação de pandemia, em 11 de março. A realidade nos

trouxe o medo e a angústia e, ao longo destes 4 meses de coronavírus, veio a perplexidade diante do caos que tomou o Brasil, com a incompetência do governo para gerenciar a crise sanitária e humanitária.

As lutas, no entanto, não mudaram. Só exigiram a transformação para um novo espaço de combate: de presenciais, as lutas passaram para virtuais. Continuamos lutando por nossa vida e por nossos direitos, só que no contexto da pandemia. Muitas empresas aproveitaram-se da Covid-19 para retirar conquistas dos trabalhadores. Outras imediatamente demitiram em massa, insensíveis à vulnerabilidade da classe. Na Cemig e demais empresas que negociam com o Sindieletro não foi diferente. A desculpa foi a pandemia para impor perdas, recorrendo, inclusive, às MPs do governo federal para não honrar nossas conquistas.

Neste jornal, você encontrará o histórico das nossas mobiliza-

ções, nossas conquistas de décadas e das atitudes da Cemig e demais empresas que negociam com o Sindicato nestes tempos de coronavírus. Disponibilizamos, ainda o histórico das ações solidárias que o Sindieletro realizou e continua realizando junto às comunidades carentes em todo o Estado, levando cestas básicas, marmitex e produtos de higiene para quem muito pouco tem, incluindo moradores de rua. Além disso, abordamos o cenário internacional e nacional da Covid-19.

É um pouco da história no agora. A Covid-19 nos trouxe novos desafios. E, mais uma vez, não fugimos à luta. Vale a pena ver o histórico que colocamos, entender os cenários e a partir dele, intensificarmos as lutas, porque nós sempre fomos os protagonistas de nossos destinos, seja na vida pessoal, seja na vida profissional.

Boa leitura!

SINDIELETRÓ-MG
Filial do CUT

Sindicato Intermunicipal dos Trabalhadores na Indústria Energética de Minas Gerais
- Rua Mucuri, nº 271- Bairro Floresta - Belo Horizonte/MG CEP: 30150-190

Departamento de Comunicação do Sindieletro-MG • **Diretor responsável:** Vander Meira •
Edição: Mariângela Castro • **Redação:** Maria Beatriz, Mariângela Castro e Benedito Maia •
Revisão: Maria Beatriz e Mariângela Castro • **Diagramação:** Marcos Ribeiro

Telefones: Sede: (31) 3238-5000 Fax: (31) 3238-5049 Regionais: Leste: (33) 3271-1200 -
Mantiqueira: (32) 3333-7063 Metalúrgica: (31) 3238-5026 - Norte: (38) 3222-3600 - Oeste: (37)
3222-7611 - Triângulo: (34) 3212-5001 - Vale do Aço: (31) 3822-3003 **E-mail:** cinformacao@
sindieletromg.org.br • **Edição eletrônica**

Cronologia da pandemia: as ações sindicais em defesa da categoria eletricitária

Eletricitários, que prestam serviços essenciais, foram atacados em seus direitos

Desde o início da pandemia, o Sindieletro esteve atento ao cenário nacional e mundial. A partir do dia 6 de março, data do primeiro caso em Minas, tomamos todas as precauções para proteger nossos trabalhadores. Suspendemos o atendimento presencial no dia 16 de março e, dois dias depois, determinamos home office, que con-

tinua até os dias de hoje. Os que não poderiam realizar suas funções de casa foram liberados, sem alteração nos salários e direitos.

Numa crise histórica que já ceifou mais de 80 mil vidas no Brasil e mais de um milhão de empregos, nosso caminho não poderia ser diferente: buscar mais apoio e proteção aos trabalhadores.

No caso da categoria eletricitária, tínhamos um grande desafio. O trabalho no setor da energia elétrica é essencial. Afinal de contas, como garantir o fornecimento de energia para o funcionamento dos hospitais e abastecimento nos supermercados e farmácias com a proteção total dos trabalhadores? Para grande parte das equipes

operacionais, nem mesmo cumprir o isolamento social seria possível.

Mas encaramos todos os desafios e ouvimos a categoria para cobrar medidas das empresas em defesa da vida. Apresentamos a cronologia das nossas ações e as atitudes dos gestores ao longo de quatro meses de pandemia.

MARÇO



Sacrifícios só para os trabalhadores?

A Cemig anunciou um Plano de Contingência contra o coronavírus e prontamente nos colocamos à disposição para mais informações e contribuir com sugestões. O Plano continha restrições para viagens e treinamento, além do isolamento de trabalhadores e trabalhadoras expostos aos riscos de contágio, como ter contato com doentes. O home office foi implantado para atividades administrativas, para eletricitárias gestantes, e para quem tem 60 anos ou mais e/ou possui alguma comorbidade.

No início da pandemia, a Cemig aceitou conversar com os sindicatos. O Sindieletro negociou a suspensão das atividades emergenciais que pudessem ser adiadas, como a inspeção de consumidores. Mas, inesperadamente, a empresa cortou o diálogo e, por intransigência, retomou as tarefas emergenciais de forma presencial.

Também recebemos denún-

cias sobre o desrespeito às novas normas por parte de algumas gerências. Cobramos o cumprimento às normas e pedimos, inclusive, que fosse autorizado o uso de veículos da Cemig (e das outras empresas) para o traslado de casa para o trabalho e do trabalho para casa, impedindo mais exposição à contaminação com o uso de transporte público.

Alguns trabalhadores tiveram dificuldades em comprovar suas questões pessoais de saúde para serem encaminhados ao home office. Somente após negociações com o setor médico, com intervenção do sindicato, alguns conseguiram maior proteção. Outros, nem assim. Lembramos que é obrigação da empresa ter ciência dessas condições e atentar ao máximo à proteção de seus empregados.

Também solicitamos, para os trabalhadores do setor elétrico em Minas, do quadro próprio e tercei-

rizados, o fornecimento de EPIs, o que incluiu álcool gel 70º e máscaras. Cobramos ainda a antecipação da vacinação contra a gripe e a implementação da jornada de seis horas.

Não demorou muito para a Cemig romper o diálogo e tomar algumas decisões equivocadas, lançando, em 29 de março, novas medidas de contingência. Fomos comunicados, sem debate, que férias individuais estavam sendo marcadas e todo o banco de horas deveria ser usado. Lembrando: as horas a compensar e férias são momentos de lazer e descanso, o que seria impossível num momento tão estressante e alarmante. As mulheres foram as mais prejudicadas, pois já enfrentam dupla jornada e ficaram impedidas de usar as horas para realmente descansar.

O Sindieletro questionou a Cemig: que custo é esse? Quais são os impactos econômicos? A Cemig

só informou que era necessário que os funcionários assumissem a sua cota de sacrifício. Perguntamos: Qual é o sacrifício imposto aos acionistas?

Já no final de março, recebemos denúncias de que várias equipes, principalmente as de inspeção em unidades consumidoras e com atividades não programadas, foram obrigadas a voltar ao trabalho presencial.

Insistentemente buscávamos o diálogo, sem sucesso. O gerente de Relações Trabalhistas e Internas (RH/RT), Bruno Viana, disse que as medidas foram orientadas pelo Marco Regulatório da Aneel. A empresa começou a atuar embasada na Medida Provisória 927, que protege o empregador e responsabiliza o funcionário. Infelizmente, vimos no dia a dia a responsabilidade pela crise ser colocada nas costas dos trabalhadores.



BOLETIM CORONAVÍRUS:

Nesse mês foi lançado o Boletim Coronavírus para a categoria, publicação de segunda a sexta com textos curtos e objetivos, sobre a crise em Minas, no Brasil e no mundo. Representando trabalhadores que prestam serviços essenciais, temos a obrigação de oferecer uma comunicação mais dinâmica e diversificada, principalmente a quem está mais exposto, pois informação também protege.

ATENDIMENTO PSICOLÓGICO E JURÍDICO:

Desde o início da pandemia, o Sindieletro mantém o atendimento psicológico e jurídico para os eletricitários, só que de forma virtual. Para agendar uma consulta com a psicóloga da Secretaria de Saúde e Segurança do Trabalhador e da Trabalhadora, Julie Amaral, basta ligar para o número: **(31) 98402.245**. Mas se o seu assunto é com o Jurídico, os contatos são: atendimentojuridico@sindieletromg.org.br ou (31) 984647815 (WhatsApp).

Ainda em março, lançamos uma série de artigos, em parceria com Carlos Machado, economista da Subseção do Dieese no Sindieletro. Nesses, foi feita uma reflexão sobre a pandemia e as mudanças estruturais que poderiam resultar da crise sanitária. Os artigos você pode conferir no nosso site: www.sindieletrocontracovid.com.br



ABRIL



Pagamento da PLR na reta

No início de abril, encaminhamos o ofício 012/20 ao presidente da Cemig, Reynaldo Passanezi Filho, cobrando a antecipação do pagamento da PLR 2019 para 15 de abril. O pagamento já estava previsto em Acordo Específico e os trabalhadores precisavam deste auxílio mais do que nunca.

No dia 14 de abril, em reunião com Brunno Viana, fomos infor-

mados que a empresa propunha adiar o pagamento, com a alegação de impacto financeiro. Novamente, a Cemig não comprovou os prejuízos. A gestão conseguiu uma liminar na Justiça do Trabalho para adiar o pagamento para 31 de outubro, mostrando que preferiu o embate jurídico do que negociar com o Sindicato.

Nas empreiteiras:

No final do mês, as empreiteiras se mostraram, mais uma vez, insensíveis ao cenário de fome e medo no país. As empresas demitiram os terceirizados que prestavam serviços de alimentação nas copinhas da Cemig e de conservação e limpeza na região Metropolitana de BH.



ELETROLIVE:

Em 20 de abril, lançamos nossa primeira #EletoLive, para debatermos virtualmente com a categoria sobre o pagamento da PLR. Não paramos mais. Ainda houve mais uma péssima decisão da empresa. A Cemig, baseada na MP do governo Bolsonaro, informou que os depósitos do FGTS de março, abril e maio seriam parcelados em seis vezes. No contracheque, no entanto, não constava essa informação. Repudiamos mais esse e os demais ataques contra a categoria, em plena crise sanitária.

A importância do trabalho essencial dos eletricitários foi lembrada em um vídeo que produzimos em agradecimento a quem tanto se esforça para garantir a vida, mas que, agora, precisa de muito mais proteção para realizar suas atividades. O vídeo pode ser acessado no nosso site:

www.sindieletromg.org.br

MAIO



Demissões e mais demissões

Veio a notícia do PDVP 2020. Para nós, foi mais um passo para o “saneamento” que o governo Zema propõe com objetivo de privatizar a empresa. A Cemig lança um PDVP após anunciar várias medidas prejudiciais ao trabalhador e num momento que a população mais precisa de serviços de boa qualidade.

Também teve luta na Assembleia. O Sindieleto, em parceria

com o deputado federal, Rogério Correia (PT/MG), obteve da Aneel a decisão de suspensão da cobrança da conta de luz em atraso enquanto durar a crise da Covid-19. Uma grande vitória que vai além da função social da Cemig, pois a restrição de acesso de trabalhadores a residências para cortar a luz é menos exposição ao risco de contágio.

Nas empreiteiras:

A empreiteira BH Sul Serviços Especializados, que presta serviços para a Cemig na Superintendência de Serviços Corporativos (SC), informou que reduziria os salários dos trabalhadores pela metade, decisão com base na MP 936.

Empreiteiras contratadas da Cemig também começaram a demitir em massa. A Conservadora Campos dispensou vários trabalhadores. E a Colabore, que presta serviços de limpeza e segurança em Ponte Nova, demitiu todos os vigias.

Denúncias também apontaram demissão de terceirizados em Conselho Lafaiete e na Usina de Itutinga. Em Divinópolis, a equipe de segurança da Usina de Gafanhoto também foi dispensada e, em Barbacena, dois vigias noturnos já estavam cumprindo aviso prévio.

JUNHO



Mais uma vitória

Junho veio com uma vitória: após intervenção do setor Jurídico do Sindieleto, a transferência de um grupo de trabalhadores da região do Triângulo, em meio à pandemia, foi impedida. A 3ª Vara

do Trabalho de Uberlândia acatou o pedido do Sindicato, que viu irresponsabilidade na atitude da empresa. Foi fixada uma multa de R\$ 10 mil se a decisão não fosse acatada.

Nesse mês, a luta foi também em defesa do plano de saúde e da Forluz, com debates virtuais. Na Cemig Saúde, debatemos alterações significativas que os conse-

lheiros da época queriam implementar, novamente sem consultar os participantes. Também lançamos a candidatura aos Conselhos Deliberativo e Fiscal da Cemig

Saúde com a Chapa 3 – Renovação e Compromisso; fomos vitoriosos.

Na Forluz, o foco das discussões foi sobre a Cemig ser autorizada a suspender contribuições

extraordinárias do Plano A. Além disso, aventou-se a possibilidade da venda do edifício Júlio Soares, mesmo num momento de desvalorização.



SETORIAIS VIRTUAIS:

Em junho, a Secretária de Saúde e Segurança do Trabalhador e da Trabalhadora realizou setoriais virtuais com os trabalhadores das empresas que negociam com o Sindicato. As reuniões resultaram em um levantamento sobre o que mudou para os eletricitários durante a pandemia e a realização de pesquisas sobre a Covid-19 (a segunda está em plena realização) e as condições e relações de trabalho. Com isso, está sendo possível traçar um diagnóstico da situação nos locais de trabalho para a definição de mais ações de proteção à vida da categoria.

JULHO



Sindieleto Contra Covid e pagamento da PLR

Lançamos a campanha Sindieleto Contra Covid, aglutinando todas as lutas e iniciativas que realizamos desde o início da pandemia. No endereço www.sindieletocontracovid.com.br você pode conferir tudo. No site, disponibilizamos a segunda pesquisa Covid-19. É muito importante responder, para que possamos ampliar nossas ações em defesa da categoria nestes tempos de crise

sanitária.

No dia 10 de julho, a segunda edição da Pesquisa de Monitoramento Covid-19 foi divulgada. A primeira foi enviada ao Ministério Público para reivindicar medidas de proteção das empresas.

O imbróglio sobre a PLR 2019 também se resolveu. Após luta unificada dos sindicatos, fomos notificados pelo Tribunal Regional do Trabalho. O desembarga-

dor Fernando Luiz Gonçalves Rios Neto decidiu que o “auxílio financeiro é questão certa, não persistindo o risco iminente de falta de liquidez capaz de comprometer a prestação do serviço essencial realizado pelas empresas”. A sentença obriga a Cemig a pagar a PLR até o dia 31 deste mês.

Reivindicamos que a Cemig, com base na cláusula 49ª do Acordo Coletivo de Trabalho vigente,

forneça boletim epidemiológico atualizado semanalmente com os casos de covid-19 na categoria. Até o fechamento desta edição, a empresa não havia divulgado esses números. No entanto, há rumores de que até 14/07 eram 89 casos, sendo 34 na Cemig e 55 nas terceirizadas.

O dia a dia do trabalhador na pandemia

Nas outras empresas que o Sindieletro negocia também houve mudança de rotina. Apuramos que a RIP Serviços Industriais manteve apenas os serviços essenciais presencialmente, com os demais funcionários em home office. Há duas semanas, os trabalhadores voltaram às atividades na empresa. Uma funcionária que voltou à usina da RIP declarou: “Me sinto segura porque temos várias instruções de segurança à disposição, além do álcool em gel 70º e aferição de saturação e temperatura. Cada um vem em transporte individual e cuida da higienização do veículo e da sua área de trabalho”.

Segundo o diretor Celso Primo, a RIP não abriu espaço, no entanto, para que o Sindieletro contribuísse. “A pauta de reivindicações dos trabalhadores traz requerimentos sobre o assunto que foram negados pela empresa. Eles alegam que irão cumprir a legislação, mas acreditamos que podem ir além. A vida do trabalhador é o mais importante”, explica.

Na Aliança, um funcionário nos conta que também há produ-

tos de higiene pessoal à disposição e a ordem é evitar aglomerações na usina. “Primeiro, fiquei em home office, desde o dia 18 de março. Depois, em regime presencial três vezes por semana. A máscara fornecida é desconfortável e pequena, por isso comprei uma para mim”, diz.

Para trabalhadores, governo não está fazendo seu papel

Elogiando a Campanha Sindieletro Contra Covid, o trabalhador da Aliança criticou a postura dos governos federal e de Minas: “Eu espero que saia uma vacina, que Deus ilumine os cientistas do mundo inteiro. Com um miliciano no poder e um entreguista aqui em Minas, não sabemos o que acontecerá com a economia”, diz.

O trabalhador da Usina Hidrelétrica de Guilman Amorim, da Energisa, também compartilha da crítica aos governos federal e de MG. “Quando temos um chefe de Estado que coloca a dúvida na cabeça das pessoas, acontece o que estamos vivendo. Não vejo o Zema fazendo a parte dele, agiu por pressão de prefeitos. Já Bolsonaro, é um cidadão que não tem

governado para a população. Só se preocupa com ele e com seus filhos”, coloca.

Ele diz também que, apesar de tudo isso, acredita que o setor elétrico não será atingido. Mesmo assim, há empresas de energia usando a pandemia para tirar direitos. Na Energisa também foram disponibilizados os materiais para higiene e é mantido o distanciamento social de dois metros. “A fiscalização é rígida. Me sinto seguro de trabalhar assim”, afirma.

O trabalhador da Energisa parabenizou os informativos sobre a pandemia do Sindieletro. A trabalhadora da RIP também lembra que a EletroLive tem sido uma boa forma de aproximação com os companheiros durante a pandemia. Ela testou positivo para a covid-19 no início da doença ainda em março, mas permaneceu assintomática.

Na sua opinião, uma mudança só virá de uma comunhão de esforços: “Os governantes não estão empenhados em resolver o problema, principalmente o governo federal, que promove fake news. Eu espero que a pandemia acabe logo, mas para o fim, é ne-

cessário que cada um faça sua parte, governantes e governados”.

Além de estudar muito sobre o tema, o Sindieletro está acompanhando de perto as ações das empresas. Estamos ouvindo os trabalhadores por meio de pesquisas, debates e contato direto. A abertura da participação do Sindicato para construir a política de prevenção é importante, por termos condições de tratar o assunto de forma mais ampla.

“Como todos sabemos, o setor da energia gera lucros sucessivamente. Não é justo, ao primeiro sinal de diminuição dessas fortunas, as empresas tentarem impor perdas e recessão aos trabalhadores. Enfrentaremos de frente qualquer ameaça de retirada de direitos ou qualquer tentativa de prejuízo aos eletricitários”, finaliza Celso Primo.

SINDICATO CIDADÃO É SOLIDARIEDADE

Sindieletro leva alimento a quem tem fome



A humanidade enfrenta a pior crise sanitária e de saúde do século XXI, depois da Gripe Espanhola (1918/1920), que fez mais de 50 milhões de vítimas fatais em todo o mundo, inclusive no Brasil.

No país, a crise provocada pelo novo coronavírus é aliada à incompetência administrativa do governo Jair Bolsonaro, que nega a gravidade da situação. Hoje, o Brasil é o epicentro da pandemia.

Jair Bolsonaro despreza a vida dos brasileiros. Suas medidas vão contra às orientações da Organização Mundial da Saúde e também às

normas da Organização Internacional do Trabalho (OIT) ao aproveitar a crise para retirar direitos dos trabalhadores, reduzir salários e liberar demissões nas empresas.

Neste cenário de abandono e de perda de direitos, o Sindieletro, os Movimentos Sociais e a CUT Minas se uniram para amenizar a dor e o sofrimento daqueles que quase nada têm e, agora, necessitam ainda mais da nossa solidariedade.

Em seus 69 anos, o Sindieletro sempre atuou na defesa dos interesses da categoria, contra as privatizações, em defesa do pa-

trimônio público, por serviços e empregos de qualidade. Mas nossa luta vai além. Somos um Sindicato Cidadão, lutamos contra toda e qualquer forma de discriminação e injustiça social e nos solidarizamos com aqueles que mais necessitam.

Desde o início da pandemia, o Sindieletro, em parceria com a CUT, outros sindicatos e movimentos sociais, vem realizando a distribuição de cestas básicas, itens de higiene pessoal, máscaras e álcool em gel para as comunidades carentes, além do fornecimento de marmitex para os moradores de rua, em todas as suas Regionais (Norte- Leste - Oeste - Vale do Aço- Mantiqueira - Triângulo e Metropolitana).

Nossas ações nas Regionais

A Regional Metropolitana do Sindieletro participou do Primeiro de Maio Solidário com distribuição de cestas básicas para a população carente em diversos pontos da Capital e de marmitex para moradores de rua. Em Contagem, o Sindieletro, em conjunto com o movimento Solidariza Contagem, a Frente Brasil Popular MG e a CUT Minas distribuíram cerca de 340 máscaras em comunidades carentes.

Em Montes Claros, na Regional Norte, em parceria com o MTD, realizamos ação de solidariedade na Vila Atlântida, com entrega de cestas básicas. Foram 48 famílias

contempladas por doações do Sindieletro e Sindmetal.

Na Regional Mantiqueira, O Sindieletro, com outros sindicatos, na Ocupação Pedro Lessa, entregou mais de 100 cestas básicas e materiais de higiene pessoal e limpeza. O 1º de Maio Solidário foi marcado na Regional Mantiqueira por ação solidária no Distrito de Pinheiro Grosso, onde entregamos cestas básicas.

Em Uberlândia, a Regional Triângulo disponibilizou a cozinha da sua sede para o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, onde são preparadas cerca de 2.500 marmittas diárias, distribuídas a várias famílias carentes. Além do espaço, a Regional fornece o gás de cozi-

nha e disponibiliza veículo para a entrega das marmittas.

A solidariedade é permanente. Nós nos orgulhamos da categoria eletricitária, com o seu apoio para levarmos o alimento à mesa de quem tem fome. Nossas ações de solidariedade vão continuar enquanto a pandemia durar, aliviando o sofrimento das famílias de trabalhadores que perderam emprego e renda.

Quem tem fome tem pressa! Ninguém solta a mão de ninguém!

Seis décadas e nove anos de conquistas e desafios



Chegamos aos 69 em tempos de pandemia, porém fortalecidos com a maturidade dos acima de 60 anos, com muitas lutas e conquistas acumuladas.

Nossos parabéns são para toda a categoria eletricitária, que construiu a força e a resistência do Sindieletro.

Em 25 de julho de 1951 um grupo de eletricitários da extinta Companhia Força e Luz já esta-

va organizado na Associação dos Hidroelétricos de Belo Horizonte, Itabirito e Santa Bárbara, e decidiu por transformar a entidade em um sindicato. Passou a chamar Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Hidroelétrica de Belo Horizonte, Santa Bárbara e Itabirito. Tempos depois, adotaria o nome Sindieletro.

Naquela época, as condições de trabalho do setor elétrico eram

péssimas. Então, criar uma organização em defesa dos direitos da categoria foi de suma importância e uma iniciativa vitoriosa.

Em 22 de maio de 1952 a Cemig foi criada e Minas passou a ter duas importantes empresas de energia, cujos trabalhadores eram representados pelo Sindieletro. Nos anos 70, a Cemig incorporou a Companhia Força e Luz, consolidando-se como a mais importante

empresa de eletricidade do Estado.

Ao longo dos anos, os eletricitários e eletricitárias conquistaram Acordos Coletivos cada vez mais avançados, com melhores condições de trabalho e salários, não porque as empresas são boazinhas, mas porque eles foram à luta.



O histórico recheado de vitórias e primeira greve nos anos 80

Nosso primeiro jornal foi O Hidro-elétrico, lançado em 1956. Em 1968 foi batizado de Hidrelétrico; na sua capa foi destaque a construção da nova sede própria do Sindieletro, na rua Mucuri, bairro Floresta, em Belo Horizonte.

Nos anos seguintes, tivemos vários desafios, mas um dos principais certamente foi lutar durante a ditadura militar. O Sindieletro chegou a sofrer intervenção militar, com a destituição de sua diretora. Vários diretores tiveram que fugir da prisão e da tortura, como o ex-presidente da entidade (na

época, o cargo era de Presidência), Delmyr Villela.

Na eleição realizada em outubro de 1970, tivemos a primeira eletricitária (e única até hoje) presidente do Sindieletro, Maria Felícia da Rocha Macedo, reeleita para o mandato 1980 a 1983. Na gestão dela, os eletricitários conquistaram direito à aposentadoria especial. E nossa sede própria foi inaugurada em 1971. Nessa década, conquistamos a Forluz.

Nos anos 80, a categoria conquistou o adicional de periculosidade e uma gestão cutista, com a

vitória da chapa Energia na Luta, em 1987. As eletricitárias passaram a contar com convênios com creches. Depois, elas obtiveram o auxílio creche.

E a primeira greve da categoria ocorreu em 1987. Fomos vitoriosos, com um reajuste salarial de 59% (tempos de inflação alta), correção no valor da ajuda de custo para férias, regularização do pagamento da Maria Rosa, reembolso para despesas médicas, entre outras conquistas. Outras greves históricas aconteceram nos anos 90 e década de 2000.

Na Campanha Salarial de 1984 foram negociados o anuênio de 1% sobre o salário e a equiparação salarial para trabalhadores da capital e interior. O ano de 1986 foi da conquista da gratificação de função acessória.

Ainda na década de 80 os trabalhadores conquistaram o tíquete refeição, eleição direta para representante dos participantes nos Conselhos Deliberativo e Fiscal da Forluz, entre outras.



Década de 90 foi de conquista do plano de saúde e da PLR

Chegaram os anos 90, e finalmente conquistamos o nosso plano de saúde: primeiramente, chamou Prosaúde e sua gestão ficou por conta da Forluz. Depois, passou a ter gestão própria e se chamar Cemig Saúde. Os trabalhadores também conquistaram o direito a um representante na DRP (Diretoria de

Relações com os Participantes) na Forluz. Agora temos também representação nos Conselhos e DRP no plano de saúde.

Conquistamos também a unificação das Cipas, o direito às reuniões setoriais e parcelamento de empréstimo de férias em até 10 vezes, sem juros.

A PLR merece um destaque no histórico de lutas. Em maio de 1995, os eletricitários realizaram greve de 13 dias pela Participação nos Lucros e Resultados. Durante essa paralisação, houve a histórica greve de fome com o sacrifício de nossos diretores, Maurílio Chaves, Diniz Santana, Celso Amarante e

Lúcio Guterres. Valeu a pena!

Outra grande vitória da categoria foi a unificação do Sindieletro e do antigo Sindelt, em 1996. Essa vitória foi ainda mais consolidada com a ampliação da nossa representatividade não só no Grupo Cemig.



PEC 50: não privatiza em Minas sem ouvir o povo!

1999 e início dos anos 2000: Conquistamos a anulação do Acordo de Acionistas, que deu ao setor privado 33% das ações ordinárias da Cemig. Mas precisávamos avançar: negociamos com o então governador Itamar Franco a PEC 50. Impedimos a privatização da Cemig com a regra da PEC 50, incluída na Constituição Mineira, que determina: a Cemig e demais estatais e suas subsidiárias só podem ser privatizadas com a aprovação, na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, de 3/5 dos deputados, além da realização de um referendo popular. Essa conquista foi de extrema importância. Hoje, colhemos os

frutos da nossa mobilização histórica em defesa da Cemig. O governo de Romeu Zema só não privatizou a Cemig e outras estatais por conta da PEC 50. No início do novo milênio, denunciávamos às autoridades a explosão de acidentes de trabalho fatais com eletricitários a serviço da Cemig, em sua maioria trabalhadores terceirizados. Chegou ao ponto de ocorrer um acidente fatal a cada 43 dias! Conseguimos o apoio e a intervenção do Ministério Público do Trabalho para frear a situação dramática.

Impedimos a privatização da Gasmig

Em 2014, a categoria se mobilizou e conquistou o arquivamento definitivo da PEC 68, que alterava a Constituição Estadual no que determinava um quórum de 3/5 dos deputados e a realização de plebiscito popular para autorizar a privatização da Gasmig. Ainda nesse ano, o Tribunal Superior do Trabalho (TST) decidiu reconhecer o direito ao adicional de periculosidade

para os técnicos de projetos, a partir de ação movida pelo Sindieletrô. Em 2015 realizamos a greve histórica de 54 dias. Finalizamos em janeiro de 2016, mostrando a nossa capacidade de resistência! Inauguramos também a mobilização por meio de ocupações de locais na Cemig, impedindo retrocessos em nosso ACT.



Hoje, mais luta contra a privatização

Na era de Romeu Zema, lutamos contra a nova ameaça de privatização da Cemig e as ações do governador com os gestores da empresa para sucatear a estatal. Nestes tempos sombrios do Zema, bases operacionais da Cemig foram fechadas, como a São Gabriel, vários ativos estão sendo

vendidos e é constante a tentativa de retirar mais direitos dos trabalhadores da Cemig. Tudo nos exige mais força e resistência! E, finalmente, não devemos nos esquecer das nossas recentes mobilizações contra as reformas Trabalhista e da Previdência. Durante o governo Bolsonaro, as lutas precisam ser

intensas contra a privatização da Cemig e de outras estatais, como a Eletrobras e Petrobras. **A categoria eletricitária nunca fugiu à luta. Continuamos na resistência, como sempre.**



Mudou tudo! O mundo e o Brasil no cenário da Covid-19

Estamos mais solidários. Porém, contrariamente, o governo federal instalou a barbárie para os pobres e a classe trabalhadora

No dia 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recebeu o alerta da China sobre uma situação atípica na área de saúde: vários casos de pacientes com pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei. Em 7 de janeiro de 2020 a OMS avisou que era um tipo novo de Coronavírus, nunca antes encontrado em humanos, e no dia 11 de mar-

ço declarou situação de pandemia, caracterizada por casos em vários países, ao mesmo tempo.

Coube a cada governo decidir o que fazer para a proteção à vida de seus cidadãos. A maioria das nações seguiu as orientações da OMS e decretou o isolamento social, o fechamento do comércio, aeroportos, cinemas, museus; proibição de shows e futebol; as ruas ficaram

vazias e as máscaras se tornaram instrumento de proteção essencial.

Os países que não seguiram as orientações da OMS tiveram que encarar a tragédia anunciada pelos especialistas se nada fosse feito: explosão de casos e mortes, hospitais superlotados, chegando-se à realidade de não haver mais vagas nas UTIs e os médicos terem que escolher quem seria internado.

Na Itália, uma cena chocante que deixou o mundo estupefato: o papa Francisco deu sua bênção rotineira na Praça de São Pedro completamente vazia. O país viveu o caos em seu sistema de saúde.

Os países que adotaram as recomendações da OMS viram, em um curto período, os números de casos e mortes caírem, até zerrarem, como a própria China, a Nova

Zelândia e a Coreia do Sul.

Dentro desse cenário, a fome passou a ameaçar mais famílias. A Oxfam International, uma entidade presente em 90 países com estudos e soluções para a fome e a desigualdade, prevê que 500 milhões de habitantes entrarão para a pobreza durante a crise.

Brasil: uma realidade chamada genocídio

Já no Brasil, o governo de Jair Bolsonaro é o principal fator da crise sanitária, humanitária e econômica. O primeiro caso oficial de Covid-19 registrado no país foi em 26 de fevereiro e, desde então, o presidente desdenha da pandemia (“uma gripezinha”, “e daí?”). Trocou dois ministros da Saúde em momentos cruciais e defende

a cloroquina com unhas e dentes. Para o combate ao coronavírus, os governadores e os prefeitos tiveram que se virar.

Quatro meses de pandemia e o Brasil só fica atrás dos Estados Unidos nos números de infectados e mortes. Já são mais de 2 milhões de casos confirmados e, infelizmente, deverá chegar a 90 mil mortes na próxima semana. Bolsonaro já é acusado de genocida.

A barbárie para os trabalhadores

As parcelas da população mais vulneráveis – a classe trabalhadora e os mais miseráveis – vivem uma barbárie. São os mais expostos aos riscos de contaminação, de desemprego, perda de direitos e baixa drástica na renda. O que fez Bol-

sonaro para proteger essa gente? Veio com Medidas Provisórias que retiraram direitos e reduzem salários em plena pandemia! Não tem nenhum plano de geração de empregos e garantia de renda básica. O auxílio emergencial de R\$ 600, por 3 meses, só foi aprovado por conta de decisão do Congresso Nacional, pois, se dependesse do governo, seria só de R\$ 200.

A CUT lançou recentemente a Campanha “Fora Bolsonaro”, cobrando da Câmara o início do processo de impeachment do presidente. A Central mobiliza e debate com a sociedade a crise agravada pela inoperância do governo. “A sociedade precisa entender que, se quiser salvar vidas, empregos e direitos, tem que se juntar a nós para colocar o país no rumo certo”,

destaca o presidente da CUT, Sérgio Nobre.

Em defesa irrestrita do SUS

A pandemia também levou a CUT a lançar outra campanha:

Defender o SUS é Defender a Vida.

De acordo com a secretária Nacional da Saúde do Trabalhador da CUT, Madalena Margarida da Silva, nesta pandemia está claro que os planos de saúde não vão arcar com todos os custos do atendimento à população. E a maioria do povo não pode ter assistência à saúde paga. Eis dois dos motivos fundamentais para defender o SUS e a vida.

PALAVRA DO DIRETORA

A pandemia da desinformação

Elisa Novy, é diretora do Sindieletró- responsável pelas Secretarias de Formação – da Mulher Trabalhadora - da Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora.



Foto: Benedito Maia



Na história, esta não é a primeira pandemia que assola a humanidade, mas há um fator que a difere das outras: a influência das redes sociais.

Notícias falsas existiam mesmo antes da escrita. O boca a boca era o único veículo de comunicação das sociedades antigas; mesmo séculos após a invenção da escrita, a oratória continuou a ser a principal forma de produção de “conhecimento”, uma vez que a maioria

das pessoas continuava analfabeta.

Hoje, com o advento da internet e das redes sociais, a velocidade com que as notícias se espalham é assustadora.

Informação gera conhecimento, mas quantas informações falsas você já compartilhou em grupos de WhatsApp, sem a intenção de fazê-lo?

As notícias falsas estão custando vidas. Quem ainda não ouviu Jair Bolsonaro dizer que a cloro-

quina cura? Depois desta fala do presidente, milhares de pessoas correram às farmácias para comprar o medicamento, sem a comprovação científica da sua eficácia no combate ao novo coronavírus.

Tudo isso ganha proporções devastadoras pelo fato de estarmos enfrentando uma doença nova, pouco conhecida na comunidade científica, com alta letalidade e com grande potencial de infecção. As redes sociais são terreno fértil

para as fake news. Para não cair na armadilha, sempre leia a matéria completa, e não apenas o título. Verifique a fonte da informação, cheque as datas, verifique se outros meios de comunicação publicaram algo sobre o assunto. Se leu somente em um lugar, desconfie. No mais, aja com bom senso na hora de compartilhar.